

MARIA CLAUDIA VARGAS RABANAL

ARTE MODERNA NO CONTEXTO ESCOLAR.

BRASÍLIA

2012.

MARIA CLAUDIA VARGAS RABANAL

ARTE MODERNA NO CONTEXTO ESCOLAR.

Trabalho de Conclusão de Curso(TCC). Apresentado a banca avaliadora do curso de graduação em Artes Plásticas – Licenciatura, oferecido pela Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Plásticas, sob a orientação da Prof.^a Doutora Thérèse Hofmann.

BRASÍLIA,
2012.

Monografia apresentada à banca constituída para o curso de

3

Artes Plásticas - Licenciatura, oferecido pela Universidade de Brasília e aprovada
em ___/___/ 2012 às ___h.

A arte moderna no contexto escolar

UNB – DISTRITO FEDERAL
2012.

Prof.^a Doutora Thérèse Hofmann.

Prof.^a Doutora Ana Beatriz Barroso.

Prof.^a Mestre Lisa Minari .

Dedico este trabalho especialmente a minha filha Luisa , a todos os membros da minha família que estiveram sempre presentes me ajudando e me dando apoio e aos meus queridos amigos pelo carinho, compreensão e apoio fornecido. Expresso especial agradecimento à professora Thérèse Hofmann, que admiro como pessoa e profissional. Pela dedicada e firme orientação, com excelentes indicações de materiais, ao lado das proveitosas discussões teóricas, além da paciência e confiança que ela teve em mim, e que não fosse por ela este projeto não teria ido para frente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	pag.7
1- SABERES E FAZERES: UMA TRAJETÓRIA.....	pag.10
1.1 – Estágio e experiências: Desenvolvidas na Arte- Educação.....	pag.17
2-METODOLOGIA.....	pag.22
3- A ARTE EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	pag.25
3.1- A metodologia triangular no ensino das artes.....	pag.27
4- A ARTE MODERNA E O CONTEXTO ESCOLAR.....	pag.30
5- PROPOSTA DOS PLANOS DE AULAS.....	pag.36
6- CONCLUSÃO.....	pag.47
7- BIBLIOGRAFIA.....	pag.49

8- ANEXOS.....	pag.51
----------------	--------

IMAGENS

FIG.I.....	pag.10
FIG.II.....	pag.13
FIG.III.....	pag.15
FIG.IV.....	pag.16
FIG.V.....	pag.17
FIG.VI.....	pag.19
FIG.VII.....	pag.20
FIG.VIII.....	pag.22
FIG.IX.....	pag.25
FIG.X.....	pag.30
FIG.XI, XII, XIII.....	pag.41
FIG.XIV,XV.....	pag.42

INTRODUÇÃO

A presente proposta surgiu da constatação durante meus estágios, da grande demanda, por diversidade de materiais e da necessidade da constante inovação entre professores e alunos. De maneira a ensinar as artes de forma diferente e interessante aos alunos do ensino fundamental. Pretendendo apresentar a proposta seguindo as orientações curriculares, porém apresentando novas metodologias no ambiente de sala de aula.

Dediquei-me à pesquisa e coleta de materiais, em busca de suportes de apoio que me ajudariam a criar planos de aula, buscando inspiração, também em outras linguagens como livros de literatura, cinema, poesias etc.

Algumas das referências bibliográficas que encontrei são conhecidas e podem ser utilizadas pelos professores como referência para práticas alternativas a serem realizadas na aula de artes. Possuindo a linguagem simples e acessível a todos, e também são muito eficazes para serem levados aos alunos.

Nestas referências são abordadas a criação de uma aula, utilizando materiais em arte diversos, e explorando novas atividades em sala de aula para passar o conteúdo teórico a ser ministrado.

Na área de outras mídias pude constatar que é extensa e rica a variedade de conteúdos em: poesias, literatura, filmes. Onde se pode trazer uma conexão com outras disciplinas ministradas na escola e desenvolver uma atividade multidisciplinar.

Assim por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresento uma estrutura/proposta de cinco planos de aulas que trabalham com a linguagem do desenho e atividades envolvendo os cinco sentidos (percepção).

Sendo que fui motivada em elaborar um material que pudesse ser estudado de maneira mais diferenciada.

Tendo escolhido para este TCC, explanar sobre o trabalho desenvolvido na aula de Estágio Supervisionado II, onde dentro de um período: Arte Moderna. Fiz uma introdução sobre a época mais sucinta e não tão ampla, dando maior ênfase, apenas a um artista, por mim escolhido. Que achei que teria maior proximidade com a faixa-etária que estaria trabalhando, naquele momento.

É cabível dizer que este material proposto já foi aplicado dentro de sala de aula, de uma escola particular do plano piloto. Onde pude ter resultados muito satisfatórios em relação à proposta de trabalho que quis passar, que foram: trabalhar o sentido do coletivo dentro de sala de aula, trazer de volta as atividades manuais

dentro do âmbito de uma aula de artes, trabalhar releituras, misturar algumas linguagens dentro dos trabalhos realizados e acima de tudo, que os alunos pudessem fixar o conteúdo ministrado durante essas aulas de forma prazerosa.

Para este TCC foram feitas algumas modificações depois de constatar, algumas mudanças a serem realizadas para melhoria da qualidade da atividade aplicada, dentro da sala de aula e de conteúdos constatados a que faltou acrescentar algo no dado momento, ou até melhor adaptação das atividades sugeridas, tendo em vista os trabalhos em duplas entre os alunos.

A estrutura destes planos pode ser aplicada a partir do 7º e 8º ano do ensino fundamental, nas quais segundo as orientações curriculares (anexos) é a época de ser ensinado e aplicado o conteúdo sobre Arte Moderna. Vale ressaltar que: a elaboração destes planos de aula seguem aquilo que é estabelecido dentro da legislação brasileira, e também sugestões de materiais teóricos e poéticos tanto aos professores quanto aos alunos, visando dessa forma facilitar as referências nas aulas de artes visuais.

Espera-se que esta proposta aqui apresentada, possa contribuir para a melhoria do ensino das artes, trazendo novas idéias a serem aplicadas dentro da sala de aula, tendo essa outra dinâmica, que proporciona o desenvolvimento da percepção visual, e a criatividade do aluno.

Também ressaltar que esta proposta é um conteúdo inicial, que criei. Porém, que pode ser desenvolvida com cada época ou cada vanguarda que temos dentro da História da Arte.

Escolhi trabalhar com Paul Klee, devido a meu desenvolvimento na área de bacharelado na época em que fiz Estágio Supervisionado II, com a linguagem do desenho abstrato e a percepção. E que conseguiu se encaixar bem com a idade dos discentes.

Acredito que estes planos de aulas, podem ter uma série de desdobramentos, adaptações e releituras de maneiras criativas de se ministrar uma aula.

Junto com isso, decidi explanar um pouco sobre minha trajetória no curso, colocar referências daquilo que entendemos como Arte-educação, também explanar sobre a parte sócio histórica, do período da Arte Moderna.

Para que assim possamos ter uma visão mais ampla, daquilo que será colocado dentro da proposta de planos de aulas.

1- SABERES E FAZERES: UMA TRAJETÓRIA.



I-Acervo de imagem do tumblr.com

“Um ponto de partida...
Continuidades ...
Descontinuidades ...
A pesquisa leva a transformações,
a uma teia de significados e a busca por outros,
novos conceitos, saberes e fazeres ...”

Léa C. Zumpano França

Meu percurso na UnB se iniciou no segundo semestre de 2007, quando fui aprovada para o curso de Licenciatura em Artes Plásticas, período noturno, no auge dos meus 19 anos.

Tinha acabado de deixar o curso de Moda que fazia na Unieuro. Abandonei o curso faltando um semestre para me formar, com a finalidade de fazer aquilo que sempre tinha me chamado a atenção: artes plásticas. Pelo fato de ainda ser muito nova e inexperiente não me aprofundei muito sobre o currículo da Universidade o que me levou a optar pelo curso Licenciatura/ Noturno sem saber nada a respeito das práticas curriculares e pedagógicas que esta abrangeria ao longo da minha formação.

Ao iniciar o meu primeiro semestre letivo, confesso que não entendia quase nada sobre a estrutura do meu currículo, nem sobre as disciplinas que eram ofertadas. Montei minha grade horária de acordo com aquilo que me foi oferecido no momento, e por uma mera casualidade tive sorte de pegar as disciplinas de educação logo nos primeiros semestres, e passar a perceber melhor a importância da Licenciatura num curso como as Artes Plásticas.

Conforme os semestres passavam e eu me aprofundava na pesquisa e nos estudos, comecei a observar alguns descompassos entre o currículo proposto e minhas expectativas e tive alguns momentos de desmotivação pessoal.

Paralelo a estes desdobramentos, optei também pela dupla habilitação, pois ao mesmo tempo em que estava ligada nas novas reformas e novidades dentro do nosso curso na área de Licenciatura, também estava produzindo e construindo os primeiros passos na minha trajetória como artista plástica e ganhando visibilidade com o meu trabalho visual.

Durante esse processo, fiquei acuada e sem saber onde realmente seria minha área de atuação, pois gostava de estar presente em ambas áreas e não via motivo para ter que desvincular uma da outra ou optar apenas por uma.

Chegou a época de realizar meu primeiro estágio supervisionado, sob a orientação da professora Renata Azambuja. Cabe ressaltar que para mim essa fase constitui-se de fundamental importância na minha vida acadêmica, no âmbito da Licenciatura, pois foi um contato que tive com o cotidiano dentro de uma sala de aula e pude começar a colocar em prática aquilo que nos foi passado de conhecimento teórico sobre a nossa área de atuação. Diria que representou um

momento significativo na área de elaborar criativa e criticamente a ação pedagógica nas escolas brasileiras.

No início do estágio I, tive a oportunidade de entrar em contato com o trabalho de cinco mulheres artistas que me foram apresentadas e que mudaram minha vida:

Ana Mae Barbosa: tida como principal referencial contemporâneo, da Arte-Educação no Brasil.

Ana Tatit: Nascida em 1962. Licenciada em Artes Visuais pela Fundação Álvares Penteado e autora do livro: 300 propostas de Artes Visuais, uma das principais motivadoras em fazer e aplicar aulas de Artes, num contexto diferente àquele utilizado na maioria das escolas.

Anna Marie Holm: Arte-educadora dinamarquesa. Com algumas publicações de livros em sua área. Fazer e pensar arte, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005

Edyth Derdyk: Nascida em 1955, Licenciada em Artes Plásticas na FAAP e autora de alguns livros que foram fonte de pesquisa e leitura, durante minha vida acadêmica entre eles: Formas de pensar o desenho.

Fayga Ostrower: 1920-2001 Grande teórica de arte, professora e Artista Plástica brasileira.

Com elas tive novas perspectivas do que é atuar dentro de sala de aula e de que sim, é possível fazer um trabalho diferenciado e reconhecido com os nossos alunos. Porém não consegui colocar todo esse conteúdo adquirido em prática logo no meu primeiro estágio, devido ao pouco tempo que tínhamos destinado à observação que totalizavam 10 horas. A aula de estágio I em si promoveu várias discussões sobre a Licenciatura, mudanças e novos panoramas que poderiam ser criados para a melhoria do ensino dos discentes e tivemos contato com a elaboração de planos de aulas.

Foi aí que comecei com a criação de uma proposta para ser aplicada no ambiente escolar. Naquele primeiro momento a escola que escolhi para realizar as observações, foi uma escola pública do Plano Piloto. A escola que escolhi foi Centro de Ensino Asa Norte- CEAN na 606 norte e as séries observadas foram turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio.



II- Alunos no ambiente escolar do estágio I.

Esta no consciente coletivo a imagem de que a escola pública carece de incentivo, novos materiais sejam de uso coletivo ou pedagógico do professor, práticas didáticas desatualizadas, desmotivação da parte docente e discente nas aulas de artes no geral, e problemas econômicos e estruturais.

Nesta escola observei alguns desses problemas, como a desatualização de didáticas e desmotivação tanto da turma quanto da professora, que chegou a desabafar comigo e afirmar que se encontrava cansada e sem vontade de ministrar uma aula de artes. Como consequência da postura dela vi uma turma que não sabia trabalhar a coletividade, causando problemas a maior parte das aulas.

Estes itens que foram citados, se inexistentes, fazem um diferencial no ambiente escolar. Pelo relato dos colegas de estágio I, o que mais tem sido observado na maioria das escolas (assim como constatei no meu local de estágio) é a manutenção da idéia de que uma aula de Artes é um momento para "aliviar as tensões", muitas vezes servindo para a realização de trabalhos manuais em ocasião de festas escolares, cívicas e religiosas.

Desse modo, as aulas de artes, transformam-se em uma aula de recreação cuja finalidade é a ilustração dos grandes acontecimentos. Ou senão é transformada numa aula maçante cujo conteúdo estudado é aquele teórico que vai ser cobrado no vestibular.

Nessa primeira fase concluí aquilo que é falado:

“O ser professor nem sempre pode andar de mãos dadas com a teoria e a prática, para isso existe a necessidade de possuir flexibilidade e olhar para uma sala de aula da mesma maneira como um ator percebe o palco no seu momento de atuação, tendo cautela e jogo de cintura a maior parte do tempo possível. (MARIANO, 2006, p.17)

Herbert Read afirma que:

“..o ensino exige um alto grau de ascetismo, pensando em que foi nos dada várias vidas confiadas a nós, uma vida que iremos influenciar de algumas maneira sem nos permitir exercer atos de dominação ou auto-satisfação pois seria aquilo tido como ideal, mantendo uma relação impessoal para com o aluno (o que é muitas vezes se torna difícil), dando abertura para que cada encontro com estes alunos manifeste algumas leis e estruturas, porém sempre preservando o caminho do ensino para que este não se desintegre e vire algo sem fundamento.” (READ, 2001, p.323).

Levando essa idéia em conta destaca-se que o aluno/estagiário será responsável em demonstrar o nível de conhecimento que foi adquirido ao longo de sua vida acadêmica, e que trará uma contribuição que possa ser pertinente, nos trabalhos executados pelos mesmos, os quais deverão ser detalhados e compartilhados durante os estágios, a fim de mudar e construir novos paradigmas para o ensino das Artes Visuais.

Com muitos anseios e dramas que foram vividos no meu primeiro estágio, alcancei o segundo com certa dúvida e medo de que poderia realizar uma regência mal sucedida. A minha maior preocupação, foi ter de passar apenas por dois estágios com pouca carga horária, já que é neste momento que podemos colocar em prática e desenvolver o Ensino das Artes sobre uma nova perspectiva.

Este estágio supervisionado II foi realizado numa escola particular Dromos do Plano Piloto, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, e orientado também pela professora Renata Azambuja.

Uma das primeiras questões observadas é que foi notória a diferença no ambiente sócio-econômico das escolas onde fiz os meus estágios.

Neste estágio é prevista a observação e aula-regência, e neste primeiro momento, defrontei-me com alunos que possuíam fácil acesso a informações, condições para adquirir quaisquer materiais que fossem solicitados e um acesso à tecnologia maior do que na primeira escola (porém, nem sempre bem utilizado).

O que notei nestes encontros é que eles possuíam problemas de outra ordem, a maioria das crianças estavam acostumadas a serem educadas pela escola, e passar o dia inteiro nesta, tendo pouco contato familiar e muito com os aparelhos tecnológicos como: celular com acesso à internet. Isso me deixou um pouco apreensiva em relação ao tipo de regência que poderia aplicar.

Tive oportunidade de atuar em sala de aula e também em uma oficina de desenho que é realizada pela escola para alunos de várias faixa-etárias no turno contrário a aula.

Optei por fazer os planos de aula para a regência naquilo em que vinha trabalhando e desenvolvendo desde o semestre anterior em estágio I. Que consistiam em explicar sobre uma determinada vanguarda escolhendo apenas um artista da época (que se encaixasse com o perfil dos alunos: faixa etária), para que os alunos pudessem conhecê-lo a fundo e desenvolvessem uma expressão plástica que fosse trabalhada de uma maneira coletiva, utilizando a linguagem do desenho como suporte principal e trabalhando os cinco sentidos e a percepção visual no ensino fundamental, utilizando os materiais de arte.

Tendo como inspiração a idéia de que, a percepção e a sensibilidade são as janelas para o mundo que possibilitam a troca permeável entre o que está dentro e aquilo que se encontra fora (DERDYK, 1989, p.125).

Tive uma sensação de plena satisfação ao ministrar essas regências, que foram as responsáveis por fazerem com que pesquisasse e interagisse, mais com os dois novos termos que tinham aparecido na minha vida: Arte-Educação e Cultura Visual.



III- Alunos do estágio supervisionado II.

Ao longo da minha trajetória acadêmica também gostaria de ressaltar as valiosas experiências obtidas com estágios extra-curriculares, entre eles estão a atuação com mediação em espaços culturais, mais precisamente na Caixa Cultural e em alguns outros eventos realizados em Brasília como o Festival Latino Americano e Africano de Arte e Cultura- FLAAC, durante um ano. Como também a oportunidade de participar da minha primeira experiência com o Programa de Iniciação Científica -

PROIC¹ com a professora Therese Hofmann me orientando e com a participação do aluno Fernando Nísio cujo tema abordado foi: Materiais em Arte: O Desenvolvimento de brinquedos pedagógicos, para crianças de 4 a 6 anos com materiais recicláveis. Ambos trouxeram diversas reflexões e claro conexões com aquilo que iria começar a desenvolver. Também teve os projetos desenvolvidos no último ano de 2011 como o projeto: AcervoVis realizado através, da Tecnologia de Informações e Comunicações -TIC's, sendo aluna bolsista pelo Reuni, orientada pela professora Ana Beatriz Barroso que foi a coordenadora geral deste projeto. Cujas idéias foram a formação de midiateca de Artes e Cultura se utilizando da plataforma virtual e com acesso garantido a todos. E minha atividade neste projeto era na área de coleta de materiais e relações públicas.



IV- Aplicação teórico-prática do PROIC na escola- 2010.

Paralelo a estes trabalhos tive a oportunidade de ser selecionada no edital do XV Encontro de Estudantes de Arte – ENEARTE ocorrido em Natal – RN em 2011, no período de 23 a 29 de outubro na UFRN, na temática de arte educação para apresentar o projeto: Ilustração Sensorial, conjuntamente com a aluna de artes plásticas Angélica Silva.

Nesta oportunidade, desenvolvemos uma oficina de um dia de carga horária de 10 horas realizada numa escola pública da periferia de Natal, onde contamos com a participação de 35 alunos, cuja faixa-etária era de 10 a 13 anos. E trabalhamos a dinâmica em grupo, materiais em arte, o lúdico e realizamos algumas atividades como elaboração de painéis de pintura a mão, contando uma história.

¹Programa de Iniciação Científica: Despertar vocação científica e incentivar novos talentos potenciais entre estudantes de graduação, mediante sua participação em projetos de pesquisa.

Neste mesmo evento, apresentei o pôster do meu trabalho realizado no PROIC, no congresso e mesa de debates realizado na UFRN, também.

Finalizando com minha entrada como coordenadora geral do ENEARTE BRASÍLIA 2012-2013 e realizando trabalho junto ao DEA-DAC (Decanato de extensão de arte e cultura da UnB), como Produtora Cultural desde o ano de 2012.



V- Projeto de Ilustração Sensorial- Natal - RN, 2011.

Durante o curso de Licenciatura a minha postura enquanto aluna da UnB, foi de “correr atrás” das informações e oportunidades dentro da minha área. Pois acredito que a formação completa do aluno, também se encontra nas atividades extra-classes, como as de extensão, seminários, colóquios, palestra que são oferecidas tanto externamente quanto na nossa universidade.

1.1- ESTÁGIO E EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS NA ARTE-EDUCAÇÃO.

Muitas vezes o professor em formação, ao atuar no estágio, colocando em prática as aulas planejadas, se desestrutura quando a realidade não condiz com o que foi planejado (o que vivenciei pessoalmente em ambos os estágios). Essa desestrutura existente, se deve ao certo despreparo de profissionais que estão ali desenvolvendo as práticas do Ensino da Arte na escola numa perspectiva polivante, isso quando não atuam de acordo com as práticas pedagógicas que a escola impõe sobre eles, tendo a partir desse momento um conflito com aquilo que nos é passado dentro do processo acadêmico, causando assim um conflito do: como atuar e qual seria a melhor maneira de atuar num ambiente escolar?

É por isto que se deve considerar aquilo que Benincá diz:

“A formação de um estudante num curso de Licenciatura, precisa ser uma ação coletiva, envolvendo várias instâncias e sujeitos, e, que confronte dialeticamente formação, profissão e contexto escolar. Caso contrário, o estágio se restringirá a uma etapa obrigatória, na qual os licenciados, sob vigilância, põem em ação determinados princípios; cessado, porém, o período de supervisão, quando a pessoa se sente livre, volta a optar pela prática tradicional, ou seja, recorre a consciência disponível no senso comum” (BENINCÁ; CAIMI, 2004, p. 23).

Porém existe a possibilidade de criar uma cultura de trabalho coletivo para que assim novas propostas possam construir um novo desenvolvimento harmônico, seguindo diretrizes acadêmicas, governamentais e até das habilidades específicas exigidas por um professor no ambiente escolar.

Tendo essas idéias em conta, a partir do meu primeiro estágio supervisionado, elaborei planos de aulas que no estágio supervisionado II, coloquei em prática e que apresento aqui (proposta de planos de aulas), como proposta para futuras aulas como docente. Estes trabalham com o domínio da linguagem visual, compreensão teórica, construção de argumentos, e aplicação dos conhecimentos, dentro do período da História da Arte Moderna, que é o conteúdo a ser aplicado a partir do 8º ano, segundo as Orientações Curriculares.

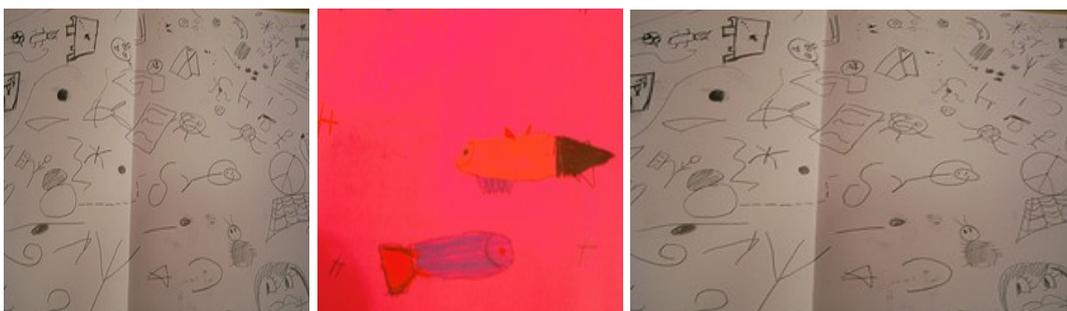
Onde é aplicada uma metodologia expositiva e participativa sobre um conteúdo específico dentro da teoria de arte, trabalhando a percepção dos alunos e também aproximando-os aos materiais em artes. Com o intuito de que o conteúdo seja bem aproveitado pelos discentes e que eles realmente aprendam e possam expandir conhecimentos além do que se tem dentro de uma sala de aula.

“ De uma forma muito sintética, esses princípios estabelecem que a aprendizagem é uma construção pessoal que o aluno realiza com a ajuda que recebe de outras pessoas. Essa construção, por meio da qual pode atribuir significado a um determinado objeto de ensino, implica a contribuição da pessoa que aprende, seu interesse e sua disponibilidade, seus conhecimentos prévios e sua experiência. Em tudo isso, desempenha um papel imprescindível a figura do mais experiente que ajuda a detectar um conflito inicial entre o que se sabe e o que se deve saber, que contribui para que o

aluno, se sinta capaz e com vontade de resolve-lo, colocando o novo conteúdo de forma que apareça como um desafio interessante, cuja resolução terá alguma utilidade, que intervém de forma ajustada nos progressos e dificuldades manifestados pelo aluno, apoiando-o, tendo em vista sua realização autônoma. É um processo que contribui não só para que o aluno aprenda determinados conteúdos, mas que aprenda a aprender e para que se aprenda que se pode aprender; sua repercussão, então, não se limita àquilo que o aluno sabe, mas ao que se sabe fazer e a como vê a si mesmo” (ZABALA,1997, p. 164-165)

Cabe informar que tudo que desenvolvi como arte educadora desde o ano de 2010, teve respaldo na legislação educacional brasileira (anexos) seja a elaboração de planos de aulas que consistiam em trazer não só aspectos da teoria de arte como também da literatura, música, entre outras mídias, quanto as atividades lúdicas aplicadas nas oficinas.

Mesmo que fossem aplicados em ambientes sócio-econômicos diferentes (como nas periferias, escola particular e escola pública), não ocorreram resultados díspares nem muito opostos, pois é como Derdyk nos fala no seu livro: Formas de pensar o desenho: “que não há mais formas de que todas as pessoas são inatamente criadoras. Independentemente de sua formação cultural, de sua atividade, de sua origem racial ou geográfica”. (DERDYK, 1988, p.7).



VI- Alguns dos resultados obtidos nas oficinas e aulas ministradas.

Tendo como objetivo aproximar o aluno as artes visuais e ao universo estético, investigando e aguçando o pensar na arte, através de 5 planos de aula onde se explora diversos materiais em artes. Ocorre a leitura da obra pela metodologia criada por Ana Mae Barbosa, na proposta triangular, explora técnicas de abstração com o intuito de desenvolver outras novas possibilidades de ver e pensar o desenho.

Saindo um pouco da parte do contexto educacional que já conhecemos, e pensando mais na questão de multiculturalidade, misturando aspectos teóricos da época moderna com novos assuntos contemporâneos e desenvolvendo exercícios, e exposição destes trabalhos. Sobretudo dando oportunidade de trazer à tona uma questão que precisa ser trabalhada em qualquer ambiente escolar: a coletividade, o saber fazer em grupo.

Dessa forma delega tarefas por meio da orientação que lhes passava para elaboração de painéis, cartazes, técnicas de desenho, pintura, colagem, seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares do Ensino Fundamental.

Onde para atingir os objetivos propostos foi necessário ser colaborativa, compreensiva e incentivadora, ao mesmo tempo em que firme, exigente e em alguns momentos demonstrar a hierarquia dentro de uma sala de aula, para poder ter a liderança dentro do ambiente escolar tentando não permitir que houvesse desvio da atenção das aulas.



VII- Oficina de Ilustração Sensorial- Escola Pública da periferia de Natal- RN.

Durante minhas primeiras vivências experimentadas dentro de sala de aula sempre consigo associar e lembrar de um trecho do livro: Universo da Arte, Fayga Ostrower, onde ela diz:

“ Há cerca de onze anos, recebi um convite surpreendente: ministrar um curso de arte para os operários de uma fábrica. Além de insólito o convite não deixava de ser inquietante. Dada as circunstâncias da época, não faltavam motivos de preocupação, sobretudo com eventuais interpretações que pudessem surgir em torno do tal empreendimento. Mas acabei aceitando o convite e durante sete meses dei um curso sobre os princípios básicos da linguagem visual e da análise crítica. Tornou-se uma

experiência única, para mim, experiência pedagógica e também humana.” (OSTROWER, 1983, p.17).

Pois assim como a autora, as minhas primeiras experiências sempre me deixavam em dúvida de que se aquilo ao que estava me propondo apresentar aos alunos, serviria pra além da sala de aula, se eles entenderiam a associação de novas didáticas que seriam aplicadas numa aula de Artes, e sobretudo se daria conta da demanda do conteúdo teórico de uma maneira que pudesse ser não tão expansiva, de um tema específico, porém que pudesse abranger o conteúdo de várias maneiras possíveis e diferentes daqueles que os alunos já estão acostumados a ver.

Sabemos que podemos nos deparar também não só com a nossa própria inexperiência em sala de aula e projetos, quando começamos, mas também se formos analisar os aspectos e situações entre escolas particulares e públicas, por exemplo, encontraremos em alguns casos:

“...de um lado crianças na escola pública submetidas a currículo nacional que se esbarra entre a herança positivista e a ditadura, e um professor mal pago e, muitas vezes mal formado, e por outro na escola particular, se enxerga melhores condições de trabalho que permitem até mesmo a elaboração da arte, mas muitas vezes com professores igualmente despreparados, dentro de uma estrutura muitas vezes rica, porém pouco pensada” (TIBURI, 2010).

Porém todas essas problemáticas encontradas ao longo da trajetória do meu curso me possibilitaram motivações para querer não abdicar e insistir nos projetos, principalmente ao analisar os bons resultados que estes projetos e as aulas ministradas trouxeram para os discentes.

É provado que em cada época e lugar, um conjunto de intenções, teorias, práticas, e valores orienta as tendências pedagógicas no ensino da arte, tendo os professores um papel significativo na construção da identidade artística das crianças e dos jovens, devendo respeitar o modo de aprendizagem de cada aluno, o tempo didático, pois a área de artes requer encaminhamentos específicos, como, por exemplo, a subjetividade que se pode encontrar numa proposta de artes.

2- METODOLOGIA



VII- Acervo de imagem do tumblr.com

“Há um instante mágico na vida em que, nem mesmo sabendo por que, ficamos envolvidos num jogo. Num jogo de aprender e ensinar. Fazemos parcerias. Não só com os outros, mas também parcerias internas nos propondo desafios. Porém, só ficamos nesse estado de total cumplicidade com o saber se este tem sentido para nós. Caso contrário, somos apenas espectadores do saber do outro.”

Miriam Celeste Martin

Para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), utilizei a revisão bibliográfica referente ao tema proposto. Com a finalidade de fazer uma relação de auxílio bibliográfico, ligada diretamente com o tema: elaboração de planos de aulas, arte moderna, arte educação e legislação brasileira educacional. Uma vez concluída esta etapa, e constatando boas fontes de pesquisas, percebi que outras linguagens que saíssem do contexto das artes no geral poderiam, ser incluídas dentro do trabalho, e que auxiliariam os professores na realização de suas aulas, e até, nas atividades que poderão ser aplicadas para os discentes. Tendo a finalidade de criar uma boa estrutura para os planos de aulas.

Sendo assim, boa parte do material encontrado, foi através da biblioteca e da Internet, podendo constatar que existia um rico repertório de literatura, poesias, músicas, os quais serviram para enriquecer o estudo da arte moderna do trabalho e obra de Paul Klee.

A estrutura destes materiais obtidos, foram levados para o ambiente escolar apresentando o conteúdo e abarcando as orientações curriculares do ensino fundamental, dentro da proposta de aprendizagem sugerida dentro dos planos de aulas.

Tendo em conta que as aulas foram ministradas, na disciplina de Estágio Supervisionado II, refiz alguns tópicos depois de algum tempo, organizando o material existente. Com o intuito de provocar uma melhoria nestes planos de aulas adicionando-se novas informações e ampliando a bibliografia, complementando com possíveis soluções de caráter construtivo, focalizando o conforto e aprendizagem no ambiente escolar. Consistindo em melhor abranger e trabalhar os materiais em arte e a percepção com os alunos, através de aulas expositivas e participativas, focando na técnica do desenho.

Optando pelo uso da proposta triangular de Ana Mae Barbosa que é conhecida por envolver três vertentes: o fazer artístico, a leitura de imagem (obra de arte), e a história da arte.

Diz Ana Mae (1991 p.10) “O que a arte na escola, principalmente pretende, é formar o conhecedor, fruidor e decodificador da obra de arte(...) A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes da nossa nação.(...)”

Sendo norteada pelo PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), que a nível do governo, constituem referências nacionais para o ensino básico, lembrando que constituiu a primeira etapa de uma concretização curricular no Brasil, que definiu metas para a educação estabelecidas pelo Ministério de Educação. Sendo um importante fundamento para as propostas curriculares dos Estados e dos municípios.

Estes podem ser utilizados para a construção, elaboração e re-elaboração e adaptações curriculares pelas secretarias de educação, podendo dessa maneira ter um elemento norteador e adequado a cada realidade de cada estado no nosso país. Trazendo uma discussão contextualizada de projetos políticos-pedagógicos, podendo assim fundamentar e orientar a prática dos professores para levar uma educação de qualidade dentro da sala de aula.

E também não me esquecendo de citar a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da educação, nº 9.394/96 que é uma legislação, cuja função é organizar a estrutura da educação brasileira, indicando de alguma maneira, as concepções, valores e objetivos para esta educação.

Formando um conjunto de referências voltadas para uma definição de caminhos que pode ser traçada por cada escola, levando em conta que ela é a que dá sustentação legal a educação.

3- A ARTE –EDUCAÇÃO NO BRASIL.



IX- Acervos de imagem do tumblr.com

“A ignorância acerca do passado não é necessariamente uma virtude, da mesma maneira que o conhecimento do passado não é uma garantia de que erros não serão repetidos, mas tal conhecimento fornece ao indivíduo os indispensáveis pontos de referências para analisar o presente e projetar o futuro.”

Educating Artistic Vision, New York: Macmillian Company, 1999, p.57.

Existe um movimento de arte-educação no Brasil desde a época da ditadura militar, quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases 5692/1. Que surgiu devido a uma necessidade de discussão conceitual e de estruturação de forças, em um momento como aquele, onde a educação, passava por uma grande crise.

As artes tem sido matéria obrigatória em escolas primárias e secundárias desde então no Brasil. Gerado por uma criação ideológica de arte-educadores norte-americanos que sob um acordo oficial (Acordo MEC-Usaid), reformulou a educação

brasileira, estabelecendo a partir do ano de 1971 os objetivos e o currículo configurado na Lei Federal nº 5692.

Composto por um currículo onde dizia que as artes seria aparentemente a única matéria, que poderia mostrar abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo, porque até mesmo a filosofia e história foram eliminadas do currículo.

É cabível lembrar que naquela época não existia cursos de arte-educação nas universidades, apenas se notavam cursos para professores de desenho, principalmente desenho geométrico. Porém fora das escolas um novo borbulho era escutado: O Movimento das Escolinhas de Arte, cujo objetivo era trabalhar a auto-expressão da criança e do adolescente, através do ensino das artes.(A IMAGEM NO ENSINO DAS ARTES, BARBOSA, MAE, Ana, p. 10)

Segundo Ivone Mendes Richter, o termo arte-educação foi introduzido naquele momento, dentro da história, como um termo que possuiria uma diferenciação da nomenclatura mais utilizada naquele momento: “educação artística”. E também procurando unir as pessoas do meio das artes, com um único objetivo: a defesa da qualidade de ensino e a luta contra a chamada “polivalência”.

Em 1973 foram criados os cursos de licenciatura em educação artística, possuindo um currículo básico que foi aplicado em todo o país. Porém o curso de dois anos que tinha sido proposto, foi considerado escasso em alguns aspectos, e criticado por alguns pesquisadores.

A partir do ano de 1989 que começou a existir maior visibilidade de arte-educadores com uma atuação bastante ativa e consciente, porém com uma formação ainda escassa e superficial em relação aos aspectos de conhecimento de arte/educação e de arte.

A partir desse momento, ocorreram muitas outras discussões, simpósios, comissões de arte-educação, palestras, no nosso país. Muitas tendo sido organizadas pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, professora e pesquisadora que originou a Abordagem Triangular como proposta de método educacional dentro das artes, conjuntamente com outros pesquisadores da área.

A expectativa da autora em relação ao futuro da arte-educação, era de que esta sofresse influência dos movimentos de arte comunitária, como festivais de rua, comemorações regionais e nacionais, festas religiosas e etc. E que principalmente a

arte-educação fosse responsável por transmitir valores estéticos e culturais para nosso país.

Difundindo a cultura como um todo em nosso país, virando uma espécie de transmissor de valores estéticos e culturais no contexto de um país de Terceiro Mundo.

3.1 METODOLOGIA TRIANGULAR NO ENSINO DA ARTE.

A Abordagem Triangular foi chamada anteriormente de Metodologia Triangular do Ensino da Arte e com o passar do tempo, teve algumas modificações para Abordagem ou Proposta pela sua própria sistematizadora.

Esta proposta tomava como exemplo, o estudo de três abordagens epistemológicas: as Escuelas al Aire Libre (mexicanas) surgidas depois da revolução mexicana, por volta de 1910 que pretendiam recuperar o orgulho nacional perdido, devido a imposição dos padrões europeus adotados nas escolas mexicanas, o Critical Studies (inglês) que surgiu na década de 1970, como uma resposta de insatisfação causada pela rotina que a crítica de arte tinha de “enjoyment”, ao invés de possibilitar uma leitura analítica e o reconhecimento desta obra em contextos sócio-históricos.

O Disciplined Based Art Education- DBAE (americano), surgiu em 1982, sendo uma abordagem sistematizada pelo grupo Getty Center for Education in the Arts, onde realizavam pesquisas que apontavam para uma grande queda de qualidade do ensino da arte nas escolas americanas, seguida de uma perda de status perante outras áreas de conhecimento contempladas no currículo escolar.

Para isso apontaram para a necessidade da inclusão da produção de arte, valorizando a construção e elaboração como procedimento artístico. Dando ênfase a cognição relativa à emoção e que procura acrescentar à dimensão do fazer artístico a possibilidade de acesso e compreensão do patrimônio cultural da humanidade.(ENSINO DA ARTE, MEMÓRIA E HISTÓRIA. RIZZI, Maria, p. 336-337)

Já a Abordagem Triangular do Ensino da Arte, postula que a construção do conhecimento em arte acontece quando há o cruzamento entre experimentação, codificação e informação. Sendo que considera que a arte e o público se relacionam,

de acordo com modo de inter-relacionar o conhecimento, pesquisa e compreensão, tendo arte como expressão e cultura dentro de uma sala-de-aula.

Partindo da ação de três ações básicas que são: fazer arte, contextualizar e ler obras de arte(tratando-se de crítica literária e ensino da literatura, americano, intitulado: readers response²) podemos ter uma composição de um programa de ensino de arte, segundo Ana Mae Barbosa.

Não necessariamente devemos seguir um procedimento hierárquico ou dominante na combinação de suas ações e conteúdos dentro da Abordagem Triangular. Pelo contrário, devemos sempre enxergar a coerência entre os objetivos e métodos que propomos, podendo dessa maneira escolher o conceito que for pertinente para nossa ação dentro do ambiente escolar.

Algumas pessoas e instituições consideraram e insinuaram que a Proposta Triangular criada por Ana Mae Barbosa, não passava de uma cópia do DBAE americano. Mas Ana Mae defendeu que eles estavam equivocados e que a proposta em si não foi trazida, mas foi sistematizada a partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade.

Ana Mae nos afirma que trazer a proposta seria algo como transportar algo já pronto e existente. E o sistema metodológico não existia, baseado na em ações (fazer - ler - contextualizar), pois o DBAE é baseado em disciplinas (estética - história -crítica...) e por essa razão criticado. O pensamento disciplinar é modernista (A IMAGEM NO ENSINO DA ARTE, BARBOSA MAE Ana, p.30)

Tendo-as como interpretações diferentes e no máximo em grau comparativo seriam tidas como paralelas. Ana Mae Barbosa também comenta que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's 1997), fizeram mal uso da Abordagem Triangular, modificando seus componentes para que não fosse dessa maneira reconhecida. O que para a arte-educadora resultou como método conservadorista, dessa forma ficou sem poder alcançar a amplitude que esperava no âmbito escolar, tendo que levar em consideração as normas ditadas pelo Ministério de Educação, através dos PCN's.

O que se vê atualmente é que cada professor se utiliza de uma organização ou estrutura metodológica dentro das artes, ficando para trás a idéias original, tendo

² Readers Response: “ Este movimento não despreza os elementos formais na leitura, mas não os prioriza, como os estruturalistas fizeram, valoriza o objeto, mas não o cultua, como os desconstrutivistas; exalta a cognição,mas na mesma medida considera a importância do emocional na compreensão da obra de arte”.

resultados de vários tipos de contextos e interpretações, como: CONTEXTO/FAZER/CONTEXTO/VER, VER/CONTEXTUALIZAR/FAZER, FAZER/CONTEXTUALIZAR/VER/CONTEXTUALIZAR.

Sendo assim o contexto passa a se tornar o mediador e propositor, dependendo da natureza das obras, do momento e do tempo de aproximação do criador.

No meu ponto de vista, existe entre alguns arte-educadores atuantes, uma má interpretação do que venha a ser a Proposta Triangular. Estes parecem imaginar que trabalhar metodologicamente, com a proposta seja começar e terminar em uma única aula de pouco mais de cinquenta minutos a exposição de dados sobre a obra ou o artista, dar tempo para o aluno fazer sua própria leitura e em seguida construir algo material, expressando-se artisticamente.

No meu entendimento a Proposta Triangular como metodologia de ensino prega três diretrizes a serem desenvolvidas não importando o tempo que se leve para realizá-la e sim como iremos aplicá-la.

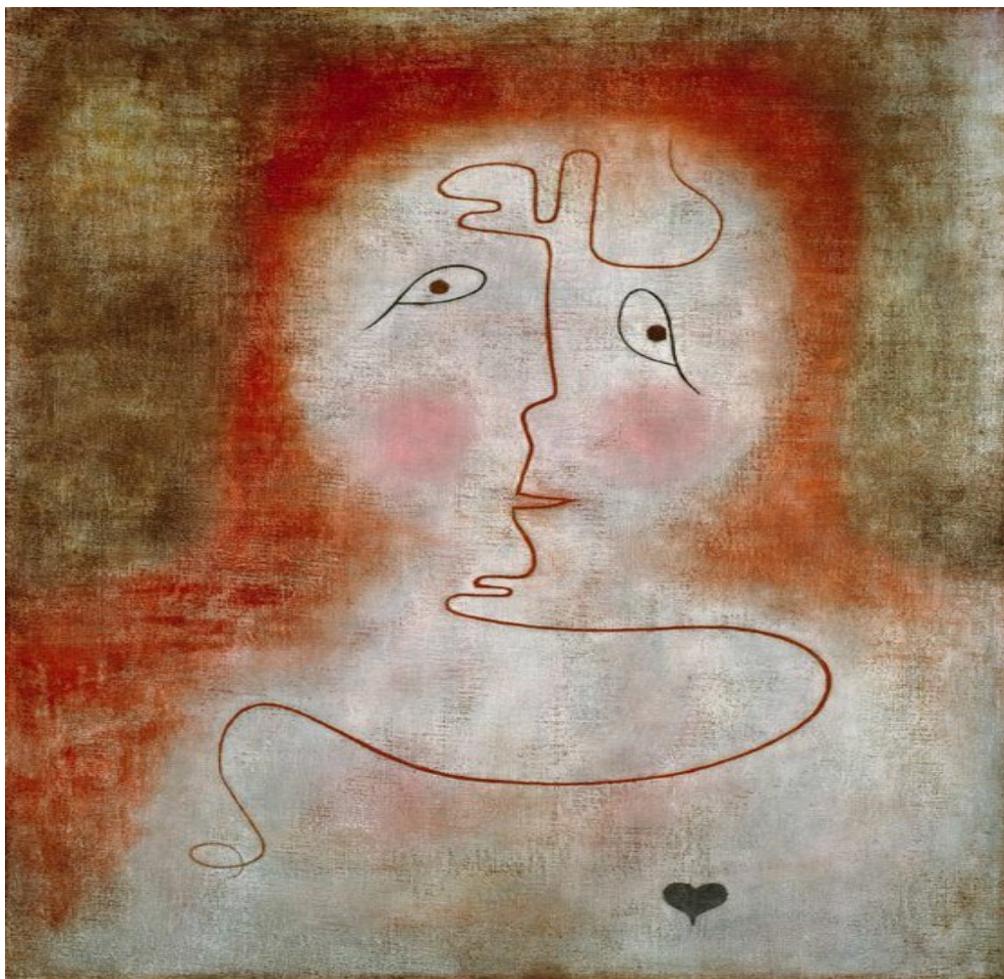
A metodologia em si pode ser enxergada como fomentadora de conhecimentos, que podem sustentar o trabalho de artistas, estudantes e o público em geral. Já que, possui em um de seus eixos a contextualização histórica, que pode bem ser definida como a parte de história da arte da disciplina, onde artistas, técnicas e movimentos são explicados teoricamente.

Esta fundamentação é de suma importância para a criação artística, e no entanto nem sempre é oferecida de forma satisfatória dentro do ensino fundamental e médio.

Outro fator que a Proposta Triangular pode nos brindar é a da criatividade e fácil capacidade de relações dentro do contexto que for trabalhado em sala de aula. Podendo ser considerada quando coerentemente empregada, uma metodologia que possui seus potenciais gerando resultados satisfatórios.

Pode ser considerada como uma opção metodológica para que o arte-educador possa se basear e fundamentar dentro do cotidiano de sala de aula. Contribuindo dessa maneira para a formação de alunos perceptíveis e sensíveis a decodificação e criação de imagens.

4- ARTE MODERNA E O CONTEXTO ESCOLAR.



X- In the magic mirror- Paul Klee, 1934.

“O caráter privado e subjetivo da arte moderna claramente condiz com a concepção de uma outra realidade, partindo de um mundo subjetivo pelo homem, uma imagem do mundo.”

David Sylvester.

Sabe-se na atualidade que o termo Arte Moderna é utilizado para caracterizar a grande parte da produção artística desde o fim do século XIX, até meados dos anos de 1970. Tendo como começo a propagação das idéias iluministas, como o uso da razão e a emancipação do homem em relação às leis divinas, fatores estes que ilustraram e caracterizaram esse período.

A perspectiva moderna começou a se desenvolver quando o conhecimento e a arte se entrelaçaram com o conhecimento científico. Tendo assim o surgimento de trabalhos que continham uma nova abordagem, e rompimentos de padrões e regras artísticas. Abandonando dessa maneira uma arte literal e acadêmica rumo a novas visões mais abstratas e menos figurativas.

Nascendo de uma ruptura de poéticas opostas e complementares da arte clássica e romântica, sugerindo ao artista de seguir a realidade e libertar suas percepções ante qualquer convencionalismo e preconceito, dessa maneira podendo manifestá-la em sua plenitude de ação cognitiva. Defendendo desse modo a autonomia e o despojamento de elementos estranhos a eles sendo considerado um marco de uma revolução artística de realidade e consciência.

A arte moderna acompanhou mudanças inicialmente propostas pelo Impressionismo e a partir deste ponto assumiu uma posição crítica em relação às convenções artísticas acadêmicas, surgindo dessa maneira os mais variados movimentos no início da metade do século XX, principalmente na Europa.

Muitos destes movimentos não chegando a se organizar enquanto escolas com manifestos e programas, mas alguns possuíam objetivos e teorias definidas previamente, tendo algumas vanguardas que ficaram bem conhecidas como: o fauvismo, expressionismo, cubismo, construtivismo, surrealismo, dadaísmo, suprematismo, neoplasticismo, futurismo, abstracionismo.

Já a arte moderna no Brasil tem como marco simbólico a semana de 1922, ocorrida em São Paulo, organizada por intelectuais e artistas, declarando o rompimento com o tradicionalismo cultural na literatura, na música e nas artes plásticas, alguns artistas que participaram dessa semana foram: Anita Malfatti (1889-1964), Di Cavalcanti (1897-1976), John Graz (1891-1980), Vicente do Rego Monteiro (1899-1970), Victor Brecheret (1894-1955) entre muitos outros.

Porém não foi uma época tão representativa para a arte brasileira, que somente a partir de 1930 é que viu surgir um interesse pela temática nacional e pelo nosso passado cultural e social estabelecendo artistas com estilos próprios que não

chegaram a se encaixar dentro do enquadramento dos movimentos da arte moderna.

De acordo com o contexto escolar a Arte Moderna pode ser trabalhada no aspecto teórico e prático, levando em conta a série em que costuma ser aplicada que é na 8ª série. Segundo as Orientações Curriculares do Ensino Fundamental (anexo), neste período são abordadas as transformações da arte a partir do século XIX à atualidade, levando em conta as transformações sociais, científicas, e tecnológicas.

Para isso a proposta dos meus planos de aulas, trazem uma explanação daquilo que significou o movimento da Arte Moderna. Na abordagem proposta selecionei um artista e apresento a temática organizada em cinco aulas com a finalidade de aprofundar o entendimento da temática.

Pois pelas experiências que tive com os alunos anteriormente, pude perceber que trazer conceitos teóricos, destacando as práticas e ligando-as por um elo faz com que o aluno conquiste uma produção artística dentro de sala de aula.

Minha proposta é integrar a parte teórica com a produção artística, estimulando a produção prática por parte dos alunos. Escolhendo o artista: Paul Klee, para desenvolvimentos das aulas.

Fazendo que exista uma possibilidade de fusão de conhecimentos e ampliação de conceitos, ajudando os alunos a decodificar as informações fornecidas durante a aula, pois vivencia a teoria pela prática.

Trabalhando a construção da linguagem visual, contribuindo para que as crianças realizem leituras cognoscentes, conscientes e sensíveis além de que um melhor entendimento do conteúdo ministrado pelo professor seja possível.

As obras de Klee apresentam perspectiva infantil, musicalidade e grande relação com o estudo das teorias de cores estas e outras características apresentadas por este artista, foram do meu interesse com a finalidade de criar um trabalho que abordasse aquilo que tinha sido proposto sobre os cinco sentidos e as percepções.

Pode-se dizer que apesar do artista tentar ter sido encaixado em alguma categoria de vanguarda foi constatado que ele seguia um estilo próprio tanto em seu método, como na técnica, tendo produzido muitas obras ao longo de sua vida e muitas destas fazendo alusão à poesia, música e aos sonhos.

Klee atuou como professor da Bauhaus durante muito tempo e teve essa certa obrigação de desenvolver e formular claramente suas idéias sobre aspectos teóricos dentro da pintura e da arte.

Possuía uma visão das cores como elementos estáticos, porém em constante transformação, tendo associações do círculo cromático com a música, sendo vinculada a uma teoria de criação, experiência artística e visão do mundo, analisa BARROS (2006)

Klee nos destaca que através do nosso cotidiano e vivência, conquistada no trabalho que pode ser percorrido por diversos caminhos, ocorre o desenvolvimento do estudante na contemplação e observação da natureza evidenciando a concepção de universo e se tornando capaz de criar configurações, livres das formulações abstratas, alcançando dessa maneira a naturalidade dentro da obra sendo capaz de produzir uma.

Para ele poderíamos dizer que existem alguns aspectos norteadores para compreensão da arte e do ensino para o artista e seriam estas:

-Relação arte-natureza

-A problemática do movimento

-A importância do intelecto e da intuição obtido durante o processo artístico.

(KLEE, 2001).

Barros nos afirma que devemos levar em consideração que essa concepção pedagógica de Klee, foram frutos de sua experimentação e anos dedicados aos estudos realizados sobre a teoria das cores.

Outra questão que me chamou a atenção em relação ao trabalho deste artista é que podemos observar, que a maioria das suas pinturas possuem títulos literários, não de uma maneira que represente uma moldura da obra, mas sim tendo em vista o ponto de partida (SYLVESTER, 2007).

Isso também foi uma característica importante que despertou algumas idéias que poderiam ser trabalhadas com os alunos tendo em vista que: o foco das atividades para a execução dos planos de aulas, se encontraria nas percepções dos alunos em trabalhar a auto-expressão do universo da arte e contextualizando a teoria para o ambiente escolar.

É cabível lembrar que toda auto-expressão tem conteúdo, mesmo que ela possa parecer referir-se apenas a própria arte. Pois para se expressar, devemos expressar alguma coisa, tendo o cuidado de não interpretar erroneamente esse

termo dentro do ensino da arte (SOUCY, 2006), pois sabemos que não existe uma expressão sem existir o conteúdo antes adquirido seja ele qual for, e muitas dessas idéias ou novas propostas, são idéias construídas dentro do coletivo através do processo de socialização desde crianças.

Devemos ser cautelosos com o conteúdo a ser passado, que histórias ensinar e revelar, e quais interesses culturais e sociais deveríamos promover? (SOUCY, 2006).

Percebemos que, em cada época e lugar, existe um conjunto complexo de intenções, teorias, práticas e valores que orientam as tendências pedagógicas do momento.

Como citado anteriormente, tive como base a Proposta Triangular (1994) e como apoio os PCN's que conceituam o ensino da arte como uma área de conhecimento, em ações disciplinares e interdisciplinares e ainda em sua articulação com os temas transversais, propõe refletir, sobre os processos de produção e legitimação da arte e da cultura, sob um novo ângulo de perspectiva.

Espera-se que o discente possa aperfeiçoar e enriquecer suas experiências artísticas e estéticas, edificando progressivamente uma identidade orientada para a participação crítica e responsável dentro da sociedade com direitos e deveres, ao longo da vida.

Tendo um aluno que participe da história, participe das escolhas profissionais, culturais e educacionais que realiza no presente e no futuro. Assim ocorreria a construção de saberes em arte, ao se estabelecer laços entre o percurso de criação de seus trabalhos e sua reflexão pessoal, sobre as diferentes linguagens, tendo como referência a diversidade da arte produzida ao longo da história. (IAVELBERG & ARLAN, 2007, p 5).

A educação em arte demanda um cidadão, que possa ser criador, reflexivo e inovador, e neste processo o papel do professor seria de fundamental importância para a construção dessa identidade artística das crianças e jovens.

Devendo respeitar os diferentes modos e tempo de aprendizagem de cada aluno, levando em consideração o temperamento de cada um, sua marca pessoal, ou seja o plano de subjetividades que dialoga com as informações e orientações oferecidas dentro da sala de aula.

Otimizando com orientações e conteúdos adequados, que dizem respeito ao saberes universais e não somente permanecer no conteúdo teórico que tem que ser

passado, levando dessa maneira outros conteúdos que possam ser interessantes aos alunos e que faça parte de seu cotidiano ou até que possam integrá-los.

“Construir um percurso de criação informado pela cultura requer um professor orientador que incentive, ensine e solicite envolvimento e constância em arte-
o que requer atualização permanente, para a familiaridade com o universo procedimental da arte”
(IAVELBERG, 2006, p. 2-3).

5- PROPOSTA DOS PLANOS DE AULAS.

“ A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas.” PCN's, Volume 6, p.15

Os seguintes planos de aula, aqui apresentados são resultados das regências ministradas na disciplina Estágio Supervisionado II, e aplicada para alunos do 8º ano, apresentando uma proposta de cinco planos de aula a serem aplicados em aulas duplas.

A proposta em si trabalha com a percepção e a desconstrução do desenho realista para técnicas abstratas e livres.

Pois como TIBURI(2010) afirma: “ O desenho desenvolve certamente uma forma de realidade. Livrar-se da cegueira causada pela ditadura dos conceitos escolares e aprender a qualificar o olhar sobre as coisas é certamente um elemento de emancipação, descoberta do mundo e de si.”

Foi escolhida a técnica de desenho visto que esta se encontra presente, na vida de uma pessoa desde cedo, seja com as garatujas e os desenhos pré-elaborados ensinados nas primeiras séries ou até mesmo se enxergarmos o desenho como linguagem.

Trabalhando o lúdico e a experimentação de alguns materiais de artes, pouco utilizados dentro de sala de aula, como: o giz pastel, folhas recicláveis, etc. Tendo como foco de aprendizagem um único artista do período moderno: Paul Klee, de maneira mais aprofundada.

Levando em consideração as orientações curriculares e tendo como ponto de partida o conteúdo a ser passado: A introdução às transformações estéticas e tecnológicas da Arte no século XX.

Despertando assim dessa maneira o interesse pelo conhecimento e experienciando nas vivências com o fazer artístico, compreendendo o desenho

como uma linguagem, forma de expressão e se apropriando desta para produção individual e coletiva.

Plano de aula 1:

Carga horária: Aula dupla

Números de alunos: 25

Foco de estudos: Introdução à percepção e a linguagem do desenho.

Objetivos: Introduzir o conteúdo teórico sobre as mudanças ocorridas na arte a partir do século XIX, e as novas tendências estéticas que surgiram.

Explicar a diferença entre abstrato e realismo nas obras de arte e a relação que ambas tiveram nesse período.

Metodologia: Aula expositiva e participativa.

Procedimento: 1-Dispor a turma para que sente em semicírculo no chão, começar nesta primeira parte da aula, trazendo uma introdução sobre o processo histórico, as mudanças sociais, e as tendências estéticas que aconteceram durante este período a partir do século XIX.

2- Logo em seguida, conversar com os alunos abrindo a explanação para um processo participativo, sobre o surgimento do período moderno onde de maneira sintetizada (através de projeção e um Power Point preparado exclusivamente para a aula), imagens de obras do período e dos artistas da época e as características e dúvidas sobre a poética na Arte Moderna de maneira sucinta e não tão aprofundada.

Fazendo de maneira que ocorresse a compreensão do fator histórico, contextualizado na cultura daquela época, chamando a atenção para o tipo de produção que era feito naquele período, o que permaneceu, o que mudou? (instigar sempre através do jogo perguntas e respostas).

3-Feita essa etapa, procurar articular e instigar a percepção dos alunos, por meio de perguntas feitas durante a passagem das fotos das obras, para que dessa maneira possa ocorrer uma reflexão sobre a produção artística daquele período.

4- Logo em seguida, explanar uma introdução sobre desenho abstrato e realista, onde os alunos poderiam se posicionar e adentrar esse tema, dando sua opinião e podendo desenvolver a poética para os próximos exercícios que serão aplicados nas próximas aulas.

5- Como dever de casa os alunos tem que escrever no máximo em dois parágrafos o que eles compreenderam sobre desenho e identificar os aspectos das

funções e diferentes resultados entre o desenho abstrato e realista. Trazendo na aula seguinte recortes e fotos de uma obra que eles considerem abstrata e outra realista que seriam usadas na aula 2.

Recursos físicos: Sala de aula.

Recursos Materiais: Projetor, slides(devidamente preparados anteriormente, para que seja o conteúdo norteador dessa aula), notebook.

Plano de aula 2:

Carga horária: Aula dupla.

Número de alunos:25

Foco de estudos: Obras realistas x obras abstratas.

Objetivos: Estimular os sentidos dos alunos por meio de atividades aplicadas dentro de sala de aula.

Aguçar o espírito da coletividade dentro da sala de aula.

Valorizar as diferentes formas de manifestação artística realizada pelos alunos para melhor compreensão do conteúdo teórico.

Metodologia: Aula participativa.

Procedimentos: 1- Assim que a aula começar, dispor a turma em semi-círculo sentados no chão, relembrar de tudo que foi dito, rapidamente na aula passada, através de perguntas que tragam o questionamento colocado e sugerido na aula anterior.

2- Solicitar a tarefa de casa, e pedir para que cada aluno que trouxe suas figuras levante e mostre aos seus colegas as imagens que trouxe, dispondo-as no chão e trabalhe com apenas uma palavra para a definição de cada obra, as palavras seriam anotadas num papel pelo professor, recortadas e colocadas dentro de um saquinho onde seria sorteada uma palavra.

3- Assim que tiverem a palavra sorteada, distribuir folhas de tamanho A3 e giz de cera, e levando em conta a parte teórica já explanada, elaborar um desenho com o entendimento daquilo que lhe vem à cabeça quando ouve a palavra, tendo liberdade em explorar garatujas ou desenhos mais realistas.

Trazendo dessa maneira o contato e reconhecimento das propriedades expressivas e construtivas se utilizando do suporte oferecido para construir uma releitura a partir do contato com as imagens de obras que tiveram anteriormente.

4-Logo após os alunos entregam suas atividades e retornam ao semicírculo onde daria início a segunda atividade, com a distribuição de uma folha A4 em branco e um giz pastel.

Consiste em passar uma caixa de papelão com abertura apenas para uma mão, e esta estivesse cheia de pequenos objetos de uso comum (pena, caneta, dado, anel, brinquedos, etc), onde o aluno conforme sua vez fechasse os olhos e tentasse sentir o objeto pelo tato, e em seguida entregar ao professor sem ver (o professor ir anotando o nome do aluno e do objeto que ele pegou), e ao abrir os olhos, o aluno tentar reproduzir a forma do objeto que tocou com o material fornecido pelo professor. E assim um por um, tentar adivinhar apenas pelo tato, dispor ao menos uma três ou quatro rodadas, para que assim os alunos possam formar uma composição à sua maneira dentro da mesma folha. No final dessa atividade conversar sobre dificuldades ou facilidades encontradas neste exercício.

5- A última atividade consiste, em sentar em duplas, sendo um da dupla de costas, o outro de frente. O primeiro aluno que se encontra de costas teria uma folha de papel A3 e canetinhas, o segundo aluno que se encontra de frente para o que se encontra de costas, começaria desenhando com o dedo vagorosamente pelas costas do colega, e o outro buscaria acompanhar com a canetinha, sentindo o ritmo, e o traçado que está sendo proposto pelo colega.

Sendo assim pode revezar quem desenha nas costas e quem desenha no papel e como essa composição seria criada pela dupla.

6- No final da aula sentar para conversar sobre os exercícios aplicados, os pontos de dificuldade e facilidade que eles tiveram, o resultado alcançado pela turma, o grau de dificuldade que tiveram entre uma atividade e outra. Lembrando também de falar sobre os materiais de arte que utilizaram, contando sobre as técnicas e como cada material pode ser utilizado, e suas devidas curiosidades.

Recursos físicos: Sala de aula.

Recursos materiais: Papel A3, cartolinas coloridas tamanho A4, giz pastel cores variadas, giz de cera, canetinhas, caixa de papelão para colocar os objetos.

Plano de aula 3:

Carga horária: Aula dupla.

Número de alunos: 25.

Foco de estudos: Paul Klee.

Objetivos: Mostrar um artista moderno mais aprofundadamente aos alunos.

Identificar o artista através de atividades propostas pelo professor.

Desenvolver produções individuais e coletivas com os alunos.

Metodologia: Aula expositiva e participativa.

Procedimentos: Relembrar aquilo que foi feito durante a aula passada, sentar em semi-círculo e tratar de levantar coletivamente os aspectos positivos da atividade que foi realizada, e antes de dar entrada ao foco principal, relembrar de alguns princípios de fundamentos da linguagem visual como: cores, linhas, textura..etc.

2- Feito isso, aplicar a atividade do dia, onde o professor coloca o áudio instrumental de algumas músicas conhecidas de forma que os alunos primeiramente apenas a ouçam.

Logo em seguida, tentar expressar de maneira livre e abstrata, através da linguagem do desenho numa folha de papel A4 e com giz pastel oleoso, o ritmo e melodia de cada música que foi mostrada sendo no total de 5 desenhos feitos por cada aluno. Sendo estas músicas de diferentes gêneros(rock, música clássica, pop, samba e MPB), para que possam experimentar diversas sensações com cada ritmo.

Nesta atividade proponho utilizar as seguintes músicas:

Telephone- Lady Gaga;

Fuel- Metallica;

Garota de Ipanema- Caetano Veloso;

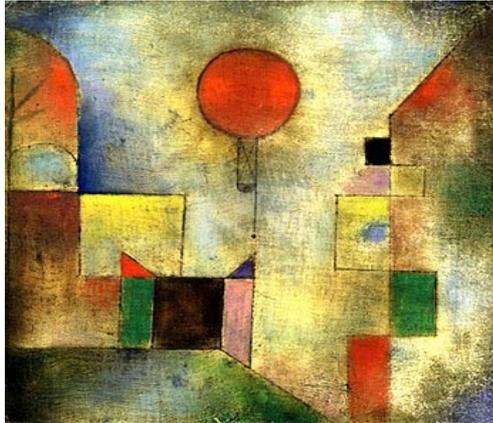
Samba;

Sonata tocata y fuga en re menor BWV 565- Johann Sebastian Bach.
(Lembrando que essas músicas possuem a letra cortada permanecendo apenas o instrumental e ritmo).

3- Uma vez terminado o exercício conversar com eles sobre a experiência da primeira atividade. E dessa maneira ter um espaço para poder introduzir a história e obra do artista: Paul Klee, contextualizando sua obra com as atividades aplicadas em sala de aula.

4- Abordar o trabalho de Klee mostrando suas obras no projetor de slides, apreciando a construção que o artista teve com suas obras e temas, trazendo questionamentos de maneira que ocorra posicionamentos pessoais em relação ao artista trabalhado e despertando interesse pela história da arte.

Obras que seriam mostradas do Paul Klee:



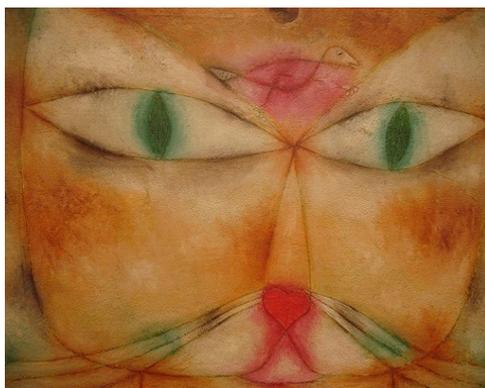
XI-Balão vermelho- 1922



XII-O peixe dourado- 1925



XIII- Pastoral- 1927



XIV- O gato e o passáro- 1928



XV- Ad parnassum- 1932

Recursos físicos: Sala de aula

Recursos Materiais: Papel A4, pastel oleoso colorido, notebook, projetor de slides.

Plano de aula 4:

Carga horária: Aula dupla.

Número de alunos: 25.

Foco de estudos: Paul Klee.

Objetivos: Mostrar um artista do período da arte moderna para os alunos.

Desenvolver obras a partir de outras linguagens como a poesia e criar um novo alfabeto composto de símbolos.

Metodologia: Aula expositiva e participativa

Procedimentos: 1- Relembrar nos primeiros minutos o que foi explando na aula passada.E distribuir os materiais que serão utilizados: folhas A3 e canetinhas, giz de cera, pastéis...etc.Projetando a obra Pastoral de 1927 de Paul Klee e deixando a mostra durante a atividade.

2- Aplicar a atividade que consistirá em ler um poema em voz alta, adequado para a faixa-etária dos alunos e pedir atenção nessa primeira parte, para que desta maneira, a partir desta leitura, ocorra a construção de um vocabulário gráfico abstrato criado pelos alunos, compondo uma obra que será criada sobre a folha de papel e com materiais oferecidos.

Poema utilizado:

A formígrafa

Formigavam as formigas,
de um burquinho no chão,
todas muito direitinhas,
numa fila perfilada,
que contornava o torrão,

Eis que senão quando uma delas,
sem motivo, nem razão, deu dois passos de guinada,
e mudou de direção,
Foi a fila para um lado,
e a formiga dissidente,
para outro bem diferente,
E assim, sem companhia,
num andar desassombrado,
caminhou até achar,
o abrigo de um telhado,
Devagar, mas persistente,
galgou, cansada, um degrau,
marinhou por um sobrado,
contornou uma cadeira,
subiu a perna da mesa,
e pousou sobre um papel,
onde havia quatro versos,
que a prenderam como mel,
Era ali que queria estar,
e acabar o seu dia,
entre as curvas dançarinas,
das letrinhas elegantes,
Queria ser caligrafia,
Pensou, talvez, ser acento.
Mas um grave, nem pensar,
e agudo muito menos
Não suportava a tortura.
De tanto se inclinar
ficava numa tontura.
Com um jeito de coluna,
podia ser circunflexo,
mas a torção era um excesso!
Podia se bem quisesse,
pôr um ar mais donairoso,
ser um til bem saboroso...
E deitada bem esticada,
tornava-se travessão,
Mas não gostava de nada,
Não achava vocação,
Foi então, desanimada,
que parou no fim do dia,
encolheu-se, redondinha,
a sentir-se uma falhada,
E assim adormeceu,
Vai daí chega o poeta,
que fora dar um passeio,
a esporear a cabeça,
do desespero de ter,
um poema em formação,
e não saber o que escrever
para lhe dar conclusão.
Olha então para o papel,
e solta um grito espantado!
O poema interrompido,
vai-se a ver, estava acabado,
Abriu um olho a formiga
e, espertinha, percebeu,
Satisfeita, regalada,
Ainda mais se encolheu,
Estava agora consolada,

Tinha um destino afinal.

Margarida Ribeiro.

3- Este trabalho é realizado em grupo de 3 alunos que irão desenhar ao mesmo tempo cada um, dentro de um determinado espaço do papel, enquanto o professor realiza a leitura do poema algumas vezes. Tendo em conta a obra exposta pelo projetor. É interessante, que o professor faça uma leitura mais dramática do poema para que os alunos consigam desenvolver seus desenhos com mais facilidade.

4- Uma vez terminado será conversado, sobre o resultado e dará continuação para a segunda atividade, que consiste em distribuir pequenos pedaços de cartolina colorida para cada aluno da turma para que a partir da obra: O peixe dourado-1925 (exibido no projetor), os alunos fizessem uma releitura criando um cartão-postal e na frente cada um com sua composição pessoal e na parte de trás, escrever um recado para Paul Klee, como se ele estivesse vivo.

5- Destinando os minutos finais a entrega dos trabalhos e avisos para a próxima e última aula sobre o tema.

Organizando os materiais que serão necessários para a próxima aula.

Recursos físicos: Sala de aula

Recurso materiais: Cartolinas coloridas, pastel oleoso, lápis-de-cor, canetinhas, notebook, projetor de imagens.

Plano de aula 5:

Carga horária: Aula dupla.

Número de alunos: 25.

Foco de estudos: Exposição dos trabalhos e pequena vernissage.

Objetivo: Organizar uma exposição dos trabalhos produzidos durante o período que foi visto a Arte Moderna e Paul Klee.

Ensinar o processo curatorial das obras que foram produzidas.

Conversar sobre todo o processo construído e desenvolvido ao longo das aulas.

Possuir um contato sensível com a imagem produzida por cada aluno da turma, identificando e reconhecendo algumas técnicas de desenho que trabalhamos ao longo das aulas.

Metodologia: Aula expositiva e participativa.

Procedimentos: 1- O material necessário para essa aula será a dos desenhos feitos pelos alunos, durante as aulas ministradas.

2- Perguntar aos alunos sobre cada tipo de atividade que foi feita, sua técnica, o processo de elaboração, se acham que alcançou a proposta, e trabalhar com eles um processo curatorial, onde todos participariam selecionando os trabalhos que se encaixassem na proposta. Deixando de lado se é algo bonito ou feio.

3- Questionar os resultados obtidos, para que dessa maneira a turma possa chegar numa conclusão do que cada técnica queria representar. Começando assim uma coleção de repertório puramente gráfico trabalhado na técnica abstrata.

4- A partir do espaço dentro da sala de aula definir um lugar onde os alunos pudessem montar um mini varal criado por eles, que fosse instalado, definindo assim, um canto onde a cada certo tempo houvesse obras penduradas começando pela exposição dessas.



XII- Varal com obras.

5- Uma vez montado o varal, fazer uma pequena vernissage, dispondo os lanches que cada aluno ficou responsável de trazer, finalizando com os alunos interagindo e podendo conversar e expor suas obras a outras pessoas. É interessante desenvolver esse trabalho em conjunto com mais de uma turma, se possível, porque assim, dessa maneira os alunos podem interagir e reconhecer as técnicas de desenho que foram mostradas e aplicadas ao longo das aulas, produzidas individualmente por cada aluno, porém se transformando em um trabalho coletivo.

Recursos físicos: sala de aula

Recursos materiais: desenhos produzidos ao longo das aulas, barbante, prendedor de roupa de madeira, notebook e projetor de slides (para mostrar obras e conteúdos trabalhados ao longo do processo), comes e bebes trazidos, pela turma.

6- CONCLUSÃO

Através da realização desta pesquisa, pude constatar que existe a possibilidade de realizar um trabalho como arte-educadora, que permite atuar não só na parte teórica, como também no desenvolvimento de uma produção artística individual e coletiva.

É importante salientar que os planos de aulas, quando elaborados, tiveram influência direta daquilo que observei dentro do ambiente de sala de aula: conteúdos que estavam sendo ministrados, o comportamento psicológico dos alunos, adequação do conteúdo à faixa-etária e alguns aspectos que poderiam ser melhorados ou melhor trabalhados.

Durante estágio supervisionado II a turma de alunos no qual ministrei as aulas, tinha um conceito de artes mais “realista”, Quanto mais perfeito e bonito o desenho, melhor.

Por ser uma escola particular os alunos, tinham acesso à internet (seja pelos computadores da escola ou pelo próprio uso do celular) durante as aulas, e adquiriam materiais com maior facilidade do que numa escola pública.

Naquele momento o que notei foi uma excessiva falta de coletividade dentro da sala de aula, resultados em grupos fechados ou até no hábito de trabalharem individualmente. Por isso tive a ideia da proposta de fazer atividades em grupo, simultaneamente.

Quando os trabalhos coletivos ocorriam eram realizados por ordem de sorteio desta maneira era destinado um grupo para cada aluno, permitindo que interagissem melhor e se aproximassem. Dessa maneira muitos alunos trabalhariam com pessoas que não tinham tanta afinidade.

A possibilidade de trabalhar no chão em semicírculo também foi novidade, visto que, a maiorias dos discentes estavam desacostumados a ter atividades desse tipo. Brincadeiras antigas que antes eram muito conhecidas na escola tinham sido deixadas de lado, muitas vezes sendo substituídos pelos jogos de celular, por exemplo.

As conversas nos minutos finais da aula possibilitavam que eu como docente naquela ocasião, pudesse enxergar as necessidades e as possíveis modificações dentro dos planos de aulas, tendo sempre em mente, que teria que ter planos B e C, caso surgisse algum imprevisto.

Levar materiais diferentes como o giz pastel e os papéis recicláveis, possibilita que o aluno aprenda a manusear diferentes materiais desde cedo e amplie seu conhecimento, com relação à possibilidade de recursos materiais e espaço físico para a realização de um trabalho de artes.

O jogo de perguntas e respostas norteava as conversas e conseguia tirar as dúvidas que iam surgindo e abrindo possibilidades dos alunos poderem indagar

mais. Claro que como docente, sempre fazia com que as perguntas não tivessem apenas uma simples resposta de sim ou não. Garantia que fizessem estimularem associações e deixassem o aluno com vontade de falar sobre o tema.

A parte mais compensadora foi perceber que consegui obter um feedback muito interessante. Depois do Estágio Supervisionado II, o professor responsável por aquelas turmas comentou que estava criando uma metodologia bem semelhante baseada nas aulas que ministrei naquele período para introduzir a arte contemporânea aos seus alunos.

A previsão deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) inclui uma metodologia de preparação de planos de aulas que pode ser utilizadas tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio, com sugestões de como focar no trabalho e desenvolvimento das obras de apenas um artista, tendo como principal referencia a série que será trabalhada e o conteúdo que o professor precisaria ministrar, sempre com o intuito de continuar a acrescentar no material de auxílio de boa qualidade que um docente possa ter.

Que esta proposta apresentada aqui possa ter continuidade e sirva de inspiração ao ensino das artes plásticas e que possa incorporar sugestões e diferentes norteamentos e até pequenas modificações de acordo com a necessidade do docente, a partir dos planos iniciais aqui sugeridos.

7- BIBLIOGRAFIA

ARSLAN, Luciana Mourão & IAVELBERG, Rosa - **Ensino de Arte**. Editora: Thomson Pioneira, 2006;

BARBOSA, Ana Mae - **Ensino da arte memória e história**. São Paulo, Editora: Perspectiva, 2008;

_____ **Arte- Educação no Brasil**. São Paulo, Editora: Perspectiva, 2002;

_____ (org) **Arte-Educação Contemporânea**. Editora: Cortez, 2005;

_____ **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte, Editora: C/Arte, 1998;

_____ **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo, Editora: Cortez, 2002

_____ **Imagem no ensino da arte**. São Paulo, Editora: Perspectiva, 2002;

BERGER, John - **Modos de ver**. Editora: Rocco, 1999;

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo: Um estudo sobre a Bauhaus e teoria de Goethe**. São Paulo, Editora: SENAC, 2006

CANÁRIO, Rui- **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: ARTMED, 2006;

CHUI, Fernando & TIBURI, Márcia - **Diálogo/Desenho**. São Paulo, Editora: Senac, 2010;

DERDYK, Edith - **Formas de pensar o desenho**. Editora: Scipione, 1989;

HERNANDEZ, Fernando - **Cultura visual, mudança educativa e projeto**, Editora: ARTMED, 1999;

HOLM, Anna Marie - **Fazer e pensar Arte**. Editora: MAM-SP, 2005;

KLEE, Paul. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Tradução: Pedro Sussenkind. Rio de Janeiro, Editora: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, De Freitas Emília (org) - **Sobrevivências no início da docência**. Brasília, Editora: Líber Livro, 2006;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL-
Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília, 3ª Edição, 2001.

OLIVEIRA, Marilda & HERNANDEZ, Fernando - **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** Santa Maria, Editora: UFSM, 2005;

OSTROWER, Fayga - **Universos da Arte.** Editora: Campus, 2004;

READ, Herbert - **A educação pela Arte.** São Paulo, Editora: Martins Fontes, 2001;

SYLVESTER, David- **Sobre a Arte Moderna.** São Paulo, Editora: Cosac Naify, 2006;

TATIT, Ana & MACHADO, Maria. **300 Propostas de artes visuais.** Rio de Janeiro, Editora: Loyola, 2003;

Sobre os PCN's, encontra em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>.

Sobre as imagens de início de capítulo encontra em: <www.tumblr.com>

8- ANEXOS

Orientações curriculares das Artes Plásticas.

Apresentação:

As manifestações e produções artísticas devem ser entendidas como objetos culturais. Foram construídas pelo homem ao longo de sua vida e carregam dentro de

si inúmeros significados que devem ser desvendados na escola. O estudo da Arte deve ser entendido como a reconstrução do próprio objeto artístico, suas condições de produção e recepção (autoria, finalidade, momento e lugar histórico da criação, materiais utilizados, recursos utilizados, agentes financiadores, público-alvo, comercialização, usos etc.). Cada objeto artístico tem uma história que precisa ser recuperada para se dar um sentido a ele. Essa história muda muito de acordo com o valor que se atribui socialmente a esse objeto, isso significa que esse objeto vai-se transformando e adquirindo a forma de um objeto cultural.

O ensino de Arte na escola, em todos os anos escolares, respeitando a faixa etária dos alunos, tem por objetivos: ampliar as formas de ver e sentir os objetos artísticos; reconhecer outros objetos artísticos que não fazem parte de seu acervo imediato; preservar esses objetos como representação de culturas, de identidades, de patrimônio da humanidade.

Enfim que o aluno desenvolva o letramento em Arte, aprendendo a dar significado aos seus objetos e, se possível, produzi-los, com base nesse conhecimento. Semelhante aos estudos realizados em língua portuguesa sobre os textos literários (objetos de Arte), os alunos vão recuperar a intertextualidade desses objetos que vão além do próprio do objeto.

A Arte na escola deve ser vista como o direito de os alunos usufruírem o patrimônio artístico da humanidade, de terem acesso a ele, valorizando as experiências estéticas como representações culturais de luta e de construção de identidades em diferentes tempos e lugares e, ao mesmo tempo, reconstruindo-as frente às suas expectativas pessoais. O estudo da Arte faz parte de uma filosofia de mundo.

Os conteúdos de Arte devem ser vistos como modos de ampliar o conhecimento de mundo do aluno. Não há subordinação entre esses conteúdos se forem colocados em cheque com o caráter transitório da Arte, porque nunca um objeto artístico será igual ao outro, envolvendo muitas leituras sujeitas à perspectiva de quem lê, porque aprendeu a ler.

De início, indicam-se o estudo da Arte como linguagens construídas com códigos e materiais próprios (artes visuais, música, teatro e dança), de acordo com suas funções sociais.

As artes visuais são identificadas por sua linguagem visual.

A música é identificada por sua linguagem musical.

O teatro é identificado por sua linguagem teatral.

A dança é identificada por sua linguagem corporal.

Considerando a conceituação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, as expectativas de aprendizagem relacionam-se ao desenvolvimento de habilidades relativas à:

1- Produção: percepção, experimentação, criação, produção.

2- Fruição (apreciação): comunicação, leitura, compreensão análise e interpretação.

3- Reflexão (contextualização): pesquisa, reflexão, crítica, autocrítica.

A faixa etária dos alunos é um diferencial no desenvolvimento desses processos porque envolvem aspectos cognitivos, interesses pessoais, conhecimentos prévios.

A seguir são apresentadas as expectativas de aprendizagem em cada um dos tópicos. A leitura das expectativas de aprendizagem deve considerar os conteúdos de ensino a que se referem.

As expectativas de aprendizagem não pretendem reduzir os conhecimentos a serem ensinados / aprendidos, mas, sim, indicar os limites sem os quais o aluno teria dificuldades para prosseguir seus estudos, bem como participar ativamente na vida social.

COMPONENTE CURRICULAR: ARTES VISUAIS

6º ANO/ 5ª SÉRIE

LETRAMENTO E DIVERSIDADE

Conteúdos:

- Ponto: ponto geométrico, ponto gráfico e ponto físico; utilização do ponto em produções visuais;
- Linha: classificação e aplicação dos diferentes tipos de linhas quanto ao traçado e à forma;
- Textura como elemento expressivo natural ou produzido e visual ou tátil;
- Direção, movimento, ritmo, volume, proporção, equilíbrio e simetria;
- Espaço bidimensional, tridimensional e noções de perspectiva;

- A pintura rupestre brasileira: São Raimundo Nonato (PI); motivos naturalistas e motivos geométricos; figuras antropomorfos e zoomorfos e as expressões rupestres de Lagoa Santa (MG);
- Estudo das matrizes culturais brasileiras (índio, africano e europeu) e suas influências na formação da arte, folclore, culinária e credences nacionais;
- A arte dos índios brasileiros antes e após o descobrimento do Brasil: a cerâmica marajoara e a cultura Santarém; a arte do trançado e a tecelagem; a cerâmica; a arte plumária e pintura corporal;
- A história da construção de Brasília: a arquitetura inovadora, o traçado da cidade, principais monumentos artísticos e principais artistas. Os artistas pioneiros. As cidades do entorno de Brasília, os candangos, a criação da identidade cultural de Brasília. Pontos turísticos da cidade planejada. Os diversos grupos sociais e étnicos que compõem a cultura de Brasília. Expectativas de aprendizagem;
- Reconhecer a produção visual como produto cultural sujeito à análise e ao entendimento;
- Identificar e conhecer as produções visuais no período pré-cabraliano, classificado como arte rupestre brasileira;
- Reconhecer os elementos da linguagem visual nas manifestações culturais indígenas e africanas;
- Reconhecer os elementos da linguagem visual nas manifestações culturais indígenas e africanas;
- Identificar e entender as influências e as interações das produções visuais indígenas, negras e portuguesas do período colonial brasileiro ao Império;
- Identificar e conhecer os artistas do Distrito Federal, suas produções visuais, e a sua contribuição para a construção da identidade cultural do Distrito Federal;
- Identificar e compreender as manifestações visuais, presentes nas cidades circunvizinhas, e suas contribuições para a construção da identidade cultural do Distrito Federal;

7º ANO/ 6ª SÉRIE

LETRAMENTO E DIVERSIDADE

Expectativas de aprendizagem:

- Identificar e compreender a produção visual como produto cultural sujeito à análise e ao entendimento;
- Pesquisar e elaborar formas pessoais de registro das atividades realizadas em artes visuais;
- Identificar nas produções visuais o uso dos elementos básicos da linguagem visual que são utilizados para comunicar, esteticamente, sentido e significado;
- Conhecer, valorizar e respeitar os espaços reservados à Arte, reconhecendo sua importância para a construção e a preservação dos bens artísticos e culturais brasileiros;
- Identificar diferentes meios de comunicação, o uso e a apropriação das produções de artistas consagrados para veicular sentidos e significados;
- Identificar, respeitar e valorizar no âmbito familiar, no escolar e no regional, a diversidade cultural;
- Investigar e identificar as diferentes representações artísticas como linguagem estética e comunicacional;
- Reconhecer e identificar a relação básica entre o emissor, a obra e o espectador;
- Conhecer e utilizar os elementos básicos da linguagem visual em diferentes possibilidades expressivas.

Conteúdos:

- A arquitetura colonial – arquitetura civil e religiosa. Técnica de construção (taipa de pilão e construção com muros de pedras), as talhas, as pinturas e esculturas e seus grandes mestres;
- A grande contribuição do negro no desenvolvimento e riqueza do Barroco colonial brasileiro. Mestre Ataíde e Aleijadinho. O Barroco como o primeiro estilo artístico brasileiro;
- Técnicas e prática de gravura em geral, com especial ênfase na xilogravura ilustrativa da literatura de cordel;
- A contribuição de J. Borges à xilogravura brasileira;
- A arte popular brasileira – As principais manifestações visuais da Arte Popular Brasileira (colunas, carrancas, bonecos, tecelagem, etc);

- Expressões artísticas de Heitor dos Prazeres, Mestre Vitalino, Nhô Caboclo, Arthur Pereira e outros;
- Estudo dos elementos estéticos da cultura afro-brasileira.

8º ANO / 7ª SÉRIE

LETRAMENTO E DIVERSIDADE

Conteúdos:

- Renascimento – principais características da arquitetura renascentista; o uso da perspectiva, do claro-escuro e o realismo da pintura; os ideais clássicos de beleza: o equilíbrio da simetria e a regularidade de formas e cores; a criação de volumes e o jogo de luz e sombra da escultura renascentista resultante de uma interpretação científica da realidade. Obras dos grandes mestres do Renascimento;
- Renascimento italiano; a temática da pintura: fatos históricos, composições mitológicas, nus, paisagens e retratos; o equilíbrio da composição e a harmonia do colorido;
- O nacionalismo e a valorização da natureza;
- As grandes transformações na arte a partir do século XIX aos dias atuais; as novas tendências estéticas associadas às grandes transformações sociais, científicas e tecnológicas;
- A Semana de Arte Moderna e a busca de uma identidade cultural nacional;
- O Modernismo Brasileiro após a Semana da Arte Moderna;
- O Expressionismo, o Cubismo e o Surrealismo no Brasil.

Expectativas de aprendizagem:

- Compreender a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas e épocas, conhecendo, respeitando e observando a sua constante mudança;
- Identificar o conhecimento de outras áreas científicas e artísticas utilizado nas produções visuais;

- Conhecer e utilizar os elementos básicos da linguagem visual para realizar produções artísticas mediante a cultura estudada;
- Identificar as diferentes representações artísticas como linguagem estética e comunicacional;
- Identificar, nas produções visuais, o uso dos elementos básicos da linguagem visual que são utilizados para comunicar, esteticamente, sentido e significados;
- Reconhecer e utilizar os procedimentos para análise, entendimento e fruição de uma produção visual;
- Identificar as diferentes representações artísticas como linguagem estética e comunicacional;
- Conhecer, valorizar e respeitar os espaços reservados à Arte, reconhecendo sua importância para a construção e a preservação dos bens artísticos e culturais brasileiros.

9º ANO/ 8ª SÉRIE

LETRAMENTO E DIVERSIDADE

Conteúdos:

- Estudo dos meios de comunicação de massa e influências no comportamento e mudanças sociais;
- Introdução à leitura da obra de arte: elementos básicos da linguagem visual, estilo artístico e período histórico;
- Introdução às novas tendências da arte no século XX. A influência e o domínio dos Estados Unidos na Arte Pós - moderna;
- A Op Art \ A Pop Art;
- Arte concreta;
- Expressionismo abstrato;
- Introdução às transformações estéticas e tecnológicas da arte no século XX;
- Arte por Computador – vídeo arte;
- Arte Conceitual;

- Hiperrealismo;
- Minimal Art;
- Instalações;
- Happening;
- Body Art;
- Arte Contemporânea no Brasil e no Distrito Federal.

Expectativas de aprendizagem:

- Reconhecer e utilizar os elementos básicos da linguagem visual, no espaço (bidimensional e tridimensional), em diferentes possibilidades expressivas;
- Identificar o conhecimento de outras áreas científicas utilizando as produções visuais;
- Identificar as funções básicas dos profissionais (designer, pintor, escultor, cenógrafo, iluminador e outros) relacionando às produções visuais;
- Identificar, nos diferentes meios de comunicação, o uso e a apropriação das produções de artistas consagrados para veicular sentidos e significados;
- Conhecer, valorizar e respeitar os espaços reservados à Arte, reconhecendo sua importância para a construção e a preservação dos bens artísticos e culturais brasileiros;
- Reconhecer os diferentes tipos de obras de arte e suas características próprias;
- Identificar o conhecimento de outras áreas científicas e artísticas utilizado nas produções visuais;
- Identificar as diferentes representações artísticas como linguagem estética e comunicacional;
- Identificar e compreender as várias tendências artísticas nas expressões visuais do século XX;
- Conhecer e utilizar os elementos básicos da linguagem visual para realizar produções artísticas mediante a cultura estudada;
- Reconhecer as influências das ciências e das tecnologias sobre as produções visuais do século XX.

Ensino médio:

Conteúdos:**Identidade:**

- A representação artística e a relação com conceitos religiosos e filosóficos;
- Indivíduo e cultura;

Linguagem visual:

- Composição visual: tipos de perspectivas usadas para desenho, linhas estruturais, esquemas geométricos, simetria e assimetria, ritmo, cor, textura, forma, espaço positivo/negativo, emprego das mídias informatizadas ou não na composição visual de imagens;

Teoria da Arte:

- Conceito de arte, introdução à análise de imagens, conceito de desenho, funções da arte, compreensão dos processos criativos das produções artísticas nas diversas áreas da linguagem artística bem como das novas tecnologias aplicadas e leitura estética de imagens;
- Corrente básica: naturalismo;

História da Arte:

- Arte na Pré-História, África, China, Índia, Japão e Islã;
- Arte pré-colonial no Brasil: Pré-História;
- Arte pré-colombiana;
- Sugestões de articulações temáticas: Pinturas rupestres X arte rural x grafite X pichação x representações contemporâneas - outdoor e outros;

Expectativas de Aprendizagem:

- Ler e produzir textos visuais;
- Pesquisar e experimentar, explorar, no seu fazer artístico, diferentes meios, materiais, suportes e técnicas informatizadas ou não;

- Reconhecer os processos de organização, de leitura e produção de textos visuais em diferentes mídias, e as suas mixagens de canal, sintaxe e morfologia, bem como o sentido gerado em diferentes contextos;
- Comparar as funções da arte em diferentes contextos e momentos da história;
- Analisar, refletir e compreender as artes visuais, a partir de critérios culturalmente construídos e embasados em conhecimentos afins – de caráter filosófico, histórico, sociológico, antropológico, semiótico, científico e tecnológico;
- Analisar as diversas manifestações das artes visuais – em suas múltiplas funções – utilizadas por diferentes grupos sociais e étnicos e interagir com o patrimônio cultural.
- Entender o tempo em que o artista viveu sua condição social e suas ideias – olhá-lo como sujeito histórico;
- Relacionar técnica artística e intenção do artista na representação;
- Interpretar a gramática visual em representações iconográficas;
- Distinguir e conceituar arte e natureza;
- Analisar e identificar o estilo naturalista e o geométrico da arte rupestre;
- Identificar e analisar os códigos e símbolos presentes nas representações visuais pré-históricas locais, nacionais e internacionais;
- Identificar pinturas, gravuras, esculturas e outras formas de expressões, bem como distinguir, manifestações da visualidade na Pré-História (paleolítico e neolítico);
- Investigar, identificar e apreciar a produção do período pré-cabralino - cultura Marajoara, Santarém e outros;
- Organizar conhecimentos e analisar a história e as manifestações visuais da cultura indígena brasileira - cerâmica, cestaria, arte plumária, máscaras, pintura corporal, e outras produções bidimensionais e tridimensionais;
- Analisar e identificar a história e as manifestações visuais da cultura africana - cerâmica, cestaria, arte plumária, máscaras, pintura corporal, e outras produções bidimensionais e tridimensionais;
- Investigar, conhecer o significado dos elementos formais constitutivos da arte indígena e rupestre, diferenciando-os e comparando-os com as visualidades e produções artísticas pessoais e com as manifestações urbanas de moda e de tribos.

2º Série:

Conteúdos:**Linguagem visual:**

- Linha como elemento estrutural das obras de arte (tipo e funções), luz como elemento expressivo, cor (cor/luz, cor/pigmento, cores quentes e frias, simbologia das cores, tipos de harmonias) e composição visual. Morfologia e Sintaxe visual;
- Paisagem: construção do espaço, ambiente e evolução;

Teoria da Arte:

- Gêneros de pintura e técnicas de pintura e desenho em diferentes contextos históricos e sociais;
- Conceitos de estética. História da Arte, movimentos e períodos;
- Barroco e Rococó na Europa;
- Barroco no Brasil;
- Arte Colonial;
- Neoclassicismo e Romantismo;
- Arte brasileira no século XIX, Missão Artística Francesa, Artistas Viajantes/Grupo Grimm Realismo, Simbolismo, (Sociedade pré-rafaelita);
- Academia Imperial de Belas Artes no Brasil;
- Revolução Industrial e o Realismo;
- Pré-Modernismo no Brasil;
- Impressionismo e Pós-Impressionismo;

Expectativas de aprendizagem:

- Produzir e promover leitura de obras artísticas, utilizando e conhecendo materiais e suportes tradicionais e atuais;
- Realizar trabalhos de pesquisa e experimentação, utilizando diversos meios e suportes;
- Identificar os elementos básicos da linguagem visual para experimentar e produzir trabalhos em arte;

- Identificar e explicitar contextos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, culturais que geram diferentes sistemas simbólicos e explicam historicamente as opções estéticas;
- Comparar, identificar, analisar e associar os diferentes processos de criação de espaços na composição em diferentes épocas, culturas e estéticas;
- Identificar e comparar conceitos e momentos da expressão artística, onde perspectivas individuais ou coletivas caracterizam narrativas temporais, tecnológicas e culturais;
- Reconhecer e utilizar as possibilidades plásticas proporcionadas pela fotografia e pelas novas formas de produção de imagens;
- Relacionar a forma e o conteúdo em obras artísticas do passado ou contemporâneas;
- Identificar e diferenciar elementos formais como linha, cor, volume, superfície, textura, luz e outros e suas potencialidades simbólicas e expressivas no estudo da paisagem, fauna e flora;
- Identificar e reconhecer as criações artísticas nacionais e as influências interculturais;
- Relacionar técnica artística e intenção do artista na representação;
- Identificar e analisar as implicações estéticas e ideológicas das representações iconográficas da Idade Média;
- Comparar imagens produzidas no Período Medieval e as imagens do Renascimento, analisando os temas, a iconografia, símbolos e alegorias;
- Contextualizar, estabelecer um paralelo e distinguir a arte produzida no Brasil e na Europa, no período do Renascimento;
- Identificar produções artísticas no período do Renascimento onde o retrato de personalidades da época se impõe;
- Refletir sobre o papel do artista no período do Renascimento – a extensão de sua atuação, do status do artista, do ourives, entre outros ofícios, compreensão do processo de ensino da arte, da condição de mestre e aprendiz, assim como sua atuação na produção da arte (arquitetura, escultura, pintura);
- Comparar imagens produzidas no Período Medieval e as imagens do Renascimento, analisando os temas, a iconografia, símbolos e alegorias;
- Contextualizar, estabelecer um paralelo e distinguir a arte produzida no Brasil e na Europa, no período do Renascimento;

- Identificar produções artísticas do período do Renascimento, quando o retrato de personalidades da época se impõe;
- Relacionar composições artísticas do período Barroco com o apelo às emoções;
- Organizar conhecimentos do período Barroco brasileiro e seus principais representantes;
- Estabelecer paralelo entre o Barroco europeu e o Barroco brasileiro;
- Associar o Rococó com o movimento artístico destinado ao mundo ocidental e sua elite;
- Analisar o Neoclassicismo enquanto movimento artístico que dialoga com a filosofia dos iluministas;
- Identificar articulações políticas e filosóficas, interesses e valores relacionados ao movimento romântico;
- Identificar o romantismo como movimento que preconiza a ruptura com o padrão estético clássico;
- Distinguir Simbolismo e Realismo quanto ao eixo temático;
- Relacionar o Realismo e as injustiças sociais provocadas pela Revolução Industrial;
- Analisar a importância do Impressionismo e do Pós-Impressionismo enquanto movimentos precursores do Modernismo;
- Relacionar o pontilhismo com os estudos de óptica na Biologia e na Física;
- Relacionar a opção pela cor e seu estudo na arte e o advento da fotografia PB.

3º Série

Conteúdos:

Teoria da Arte:

- Conceito de estética e crítica da arte;

Linguagem visual:

- Composição visual, colagem e construções tridimensionais Modernismo/vanguardas históricas – Tradição e Ruptura;
- Expressionismo, Fovismo, Cubismo, Futurismo, Abstracionismo;
- Modernismo Brasileiro, Semana de Arte Moderna de 1922, Antropofagismo, Movimento Pau-Brasil;

- Arte Brasileira após a Semana de Arte Moderna: Grupo Santa Helena Arte e indústria
- Dadaísmo, Surrealismo;
- Muralismo Mexicano;
- Arquitetura Moderna Brasileira – Brasília;
- Conceito de design e suas escolas: Art Nouveau, Bauhaus;
- Design contemporâneo e comunicação visual Arte no Pós-Modernismo;
- Arte Pós-Moderna;
- Arte Conceitual;

Arte Norte-Americana:

- Action Painting, Pop Arte;
- Minimalismo;
- Land Art;
- Arquitetura Pós-Moderna;

Arte no Brasil:

- Abstracionismo no Brasil, as bienais, Concretismo e Neoconcretismo;
- Arte Conceitual;

Arte e tecnologia:

- Arte e tecnologia – Web Design, Hipertexto, Hipermídia, Multimídia, Vídeo, Cinema, Fotografia;

Arte Contemporânea:

- Arte Contemporânea, Feminismo, Multiculturalismo, Arte e política, instalações artísticas, desempenho;

Alteridade e interação:

- O olhar do outro, tipos e gêneros na representação contemporânea;

Expectativas de aprendizagem:

- Distinguir as influências que o fazer artístico pode incorporar e relacioná-las com outras manifestações artísticas nacionais e as internacionais;

- Identificar, analisar a arte como forma de comunicação, expressão da cultura, de sentimentos e anseios de um povo, além de ferramenta para a análise crítica da realidade e da história;
- Relacionar a forma e o conteúdo em obras artísticas do passado ou contemporâneas;
- Investigar, identificar, analisar as manifestações culturais das etnias africanas;
- Relacionar a influência da Arte Africana no Cubismo;
- Estudar as razões da relação entre a arte infantil e o Modernismo;
- Compreender o Abstracionismo como movimento modernista, consequência natural e desmembramento do Cubismo e do Futurismo;
- Diferenciar Abstracionismo formal e geométrico;
- Compreender a importância do Dadaísmo e o questionamento sobre o conceito de arte;
- Associar o movimento surrealista com a filosofia freudiana e a simbologia do inconsciente;
- Reconhecer o Muralismo Mexicano como manifestação artística voltada para a transformação social;
- Compreender o Design como o desenho aplicado à indústria, e a arte fazendo parte da filosofia funcionalista do início do século XX;
- Reconhecer Art Nouveau e sua forma singular de arte aplicada à arquitetura, mobiliário e à ornamentação;
- Conhecer a Escola Alemã Bauhaus e sua importância e singularidade no diálogo interdisciplinar entre arquitetura, teatro, pintura, design e a filosofia funcionalista.